CORREIO BRAZILIENSE

Publicado em 10/03/2022 - 05:56

Rússia provoca terror e morte com ato de covardia

Ataque a maternidade ofusca diplomacia

Ucrânia acusa a Rússia de alvejar hospital pediátrico em Mariupol, no sudeste do país. Bombardeio provoca a fúria da comunidade internacional e ocorre na véspera do primeiro encontro de alto nível entre os dois países, na Turquia

» RODRIGO CRAVEIRO

A poucas horas do primeiro encontro de alto nível entre autoridades de Kiev e de Moscou, a Ucrânia acusou a Rússia de bombardear o Complexo Médico Territorial para a Saúde de Crianças e de Mulheres, um hospital pediátrico e maternidade situado em Mariupol (sudeste). "Ataque direto das tropas russas a uma maternidade. Pessoas, crianças estão sob os escombros. Atrocidade! Por quanto tempo o mundo será cúmplice, ao ignorar o terror? Fechem os céus agora! Parem com os assassinatos! Vocês têm o poder, mas parecem perder a humanidade", escreveu o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, que chamou o incidente de "crime de guerra" e de "prova de genocídio". A comunidade internacional condenou, de forma unânime, o bombardeio atribuído a Moscou. Até o fechamento desta edição, Pavlo Kirilenko, líder da região sul de Donetsk, confirmou 17 adultos feridos, incluindo funcionários do hospital de Mariupol.

A porta-voz do Ministério russo das Relações Exteriores, Maria Zakharova, não negou o ataque, mas admitiu que "batalhões nacionalistas" ucranianos tinham montado no local posições de tiro e retirado pacientes e funcionários. Zakharova também anunciou progressos em mais um diálogo entre negociadores das duas partes e sinalizou com uma moderação do Kremlin. "Os objetivos da Rússia não incluem a ocupação da Ucrânia, a destruição de seu Estado ou a derrubada do governo atual", assegurou. As declarações da representante da chancelaria de Moscou foram recebidas com ceticismo. Hoje, os ministros das Relações Exteriores Serguei Lavrov (Rússia) e Dmytro Kuleba (Ucrânia) se reunirão em Antália, um balneário do Mar Mediterrâneo, no sul da Turquia. O homólogo turco Mevlut Cavusoglu será o mediador do diálogo. O presidente russo, Vladimir Putin, e o chanceler alemão, Olaf Scholz, conversaram por telefone sobre "opções para esforços políticos e diplomáticos".

Apesar de Zakharova afirmar que a "operação especial" não tem como alvo os moradores, a prefeitura de Mariupol anunciou que, desde o início do cerco à localidade, em 1º de março, 1.207 civis morreram somente na cidade. "Nove dias de genocídio da população civil", denunciou a nota. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha classificou a situação em Mariupol como "apocalíptica". O primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, chamou o ataque de "imoral". Por sua vez, a ONU pediu "o fim imediato dos ataques a instalações de saúde, hospitais, profissionais de saúde e ambulâncias". O Vaticano, por meio do secretário de Estado e cardeal Pietro Parolin, disse que o bombardeio a um hospital é "inaceitável". "Não há razões, não há motivações para fazer isso."

Eu acho...

Arquivo pessoal

"A situação em Mariupol é terrível, pois as pessoas precisam ficar escondidas em abrigos subterrâneos durante vários dias. Hoje (ontem), civis utilizaram neve para transformá-la em água, a fim de preparar alimentos e para o consumo. Soldados têm distribuído água a algumas partes da cidade. Enfrentamos o frio, e a ausência de aquecimento tem sido especialmente difícil. As pessoas estão em pânico. É uma grande catástrofe."

Yuliya Sarbash, 39 anos, natural de Mariupol, hoje refugiada em Berehove (oeste)

Fuga

Vira Protskykh, ex-gerente de comunicação em projetos sociais e atualmente desempregada, abandonou Mariupol e fugiu para Rivne, próximo à fronteira com Belarus. Deixou pais e amigos na cidade portuária. "Conversei com minha mãe, pela última vez, em 2 de março. Ela contou que minha escola e vários jardins foram bombardeados. Meu pai trabalha como motorista de ambulância e viu feridos e mortos. No início da guerra, uma granada caiu a 100m dele", relatou ao **Correio**. Uma amiga dela disse que precisou dormir, com a mãe, no corredor de casa, ante os bombardeios incessantes. "Elas viram cadáveres abandonados nas ruas. As pessoas têm cozinhado alimentos em churrasqueiras diante de suas casas, pois não têm mais gás, água e eletricidade."

Em 24 de fevereiro, Yuliya Sarbash, 39 anos, também escapou de Mariupol com a família e se instalou em Berehove (oeste), na fronteira com a Hungria. "Os russos bombardearam, hoje (ontem), o hospital e uma área residencial da minha cidade natal. As pessoas de lá me contaram que houve vários ataques aéreos nesta quarta-feira. Vi várias fotos de gestantes feridas sendo carregadas para fora do prédio destruído", afirmou, por telefone, a proprietária de uma agência de relacionamentos. "Mariupol está bloqueada, isolada. As pessoas estão sem eletricidade, sem aquecimento e sem água. As lojas não têm mais produtos alimentícios. Os bombardeios se tornaram muito intensos nesta semana", acrescentou.

Evgeniy Maloletka/AP/Estadão Conteúdo

Militares ucranianos vistoriam cratera diante do prédio que abrigava gestantes e bebês, no centro de Mariupol: situação "apocalíptica"

1.207

Número de civis de Mariupol mortos pelos bombardeios russos, de acordo com a prefeitura da cidade.

2,1 milhões

Total de refugiados que fugiram da guerra da Ucrânia, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur)

Ceticismo

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), desqualificou a suposta moderação na retórica do Kremlin. "Se Putin não deseja ocupar a Ucrânia e depor Zelensky, não teria motivos para atacar o país. É uma questão muito simples.Não devemos acreditar em uma palavra sequer dos russos. Antes da invasão, o próprio Putin disse que não atacaria o meu país. Os russos falaram em uma operação especial na região de Donbass. Eles estão bombardeando toda a Ucrânia", afirmou ao **Correio**, por telefone. "Eles disseram que não matariam civis, estão praticando assassinatos. Eles disseram que não haveria reservistas entre os invasores. Hoje (ontem), uma declaração do comando do Exército russo afirmou que alguns reservistas entraram na Ucrânia e foram capturados." Haran aposta que os russos preparam uma incursão em Kiev. "Precisamos ficar fortes e juntos, e os Estados Unidos e a Europa devem impor mais sanções a Moscou", pediu.

Também no campo diplomático, um dia depois de os Estados Unidos cortarem a importação do petróleo russo, o Reino Unido instou o G-7 — grupo dos sete países mais industrializados do mundo — a "pôr fim ao uso de petróleo e gás russos". "Putin deve fracassar", declarou a ministra britânica das Relações Exteriores, Liz Truss, durante visita aos Estados Unidos. "Em nossa resposta" à invasão russa da Ucrânia, "devemos redobrar nossas sanções." Ela não descartou a "desconexão" dos bancos russos do Swift, sistema internacional que permite a padronização de informações financeiras e transferências de recursos entre bancos ao redor do mundo.

EUA rejeitam transferir caças à Ucrânia

Os Estados Unidos rejeitaram definitivamente a proposta da Polônia de entregar caças MiG-29 aos militares americanos para que fossem repassados à Ucrânia, anunciou o Pentágono. Os serviços de inteligência acreditam que a transferência das aeronaves para a Ucrânia "poderia levar a uma reação russa significativa que aumentaria a perspectiva de uma escalada militar com a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte)", declarou o porta-voz do Pentágono, John Kirby, em entrevista coletiva.

A questão da transferência dos aviões, que deixou o governo ucraniano ansioso por uma resolução para tentar conter a agressão russa pelo ar, provou ser um revés notável na união entre os Estados Unidos e seus aliados europeus em relação à invasão de Moscou. O secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, conversou com o ministro da Defesa polonês, Mariusz Blaszczak, e agradeceu a disposição de Varsóvia em cooperar nos esforços para apoiar a Ucrânia, segundo Kirby. "Mas ele ressaltou que não apoiamos a transferência de aeronaves de combate para a Força Aérea Ucraniana neste momento, então, também não desejamos vê-los sob nossa custódia", disse Kirby.

Varsóvia expressou apoio a um plano no qual a Polônia enviaria seus MiG-29 da era soviética para Kiev através de uma base aérea americana na Alemanha. No passo seguinte sugerido, os EUA complementariam a frota polonesa com caças F-16. "Isso é algo que não vamos explorar neste momento", afirmou Kirby, acrescentando que adicionar aeronaves à frota de combate da Ucrânia "não mudaria significativamente a eficácia" da Força Aérea Ucraniana contra a capacidade russa. "Portanto, consideramos baixo o ganho de transferir esses MiG-29."

A vice-presidente norte-americana, Kamala Harris, desembarcou ontem em Varsóvia para discutir com autoridades polonesas como fornecer "assistência militar" à Ucrânia, segundo um representante da Casa Branca.

Saul Loeb/AFP

Kamala Harris, vice-presidente norte-americana, desembarca em Varsóvia para debater ajuda a Kiev

Coluna de veículos blindados russos chega aos arredores da capital. Combates ocorrem a apenas 15km da cidade de quase 3 milhões de habitantes. Moradores contam ao **Correio** que preparam coquetéis Molotov e montam barricadas

Tanques às **portas de Kiev**

» RODRIGO CRAVEIRO

Sob um frio de 3 graus Celsius negativos, 21 músicos da Orquestra Sinfônica Clássica de Kiev se reuniram, às 13h de ontem (8h em Brasília), na icônica Praça Maidan, no centro da capital da Ucrânia. Durante 20 minutos, executaram seis peças, sob a regência do maestro Herman Makarenko (**leia Depoimento**). Os solistas ainda estavam na praça quando sirenes antiaéreas voltaram a soar em Kiev. A arte parecia tentar encorajar o povo ucraniano ante os horrores da guerra. Enquanto isso, as forças russas chegavam aos arredores da cidade de quase 3 milhões de habitantes. De acordo com a agência de notícias France-Presse (AFP), a coluna de blindados russos, até poucos dias atrás estagnada a centenas de quilômetros de Kiev, estava a apenas 15km dali, perto do subúrbio de Brovary. Especialistas temem que a tomada da capital provoque um banho de sangue. A população aguarda os invasores com armas em mãos e coquetéis Molotov.

"Estamos bem preparados para o ataque. Todos os dias tenho visitado o campo de batalha e visto a coragem e a força do nosso Exército. Tenho certeza de que os russos não serão capazes de tomar a cidade, pois nossos combatentes mantêm suas posições e lutam como leões", relatou ao **Correio** a jornalista Liubomyra Remazhevska, 32 anos, moradora de Kiev. "Os moradores têm preparado abrigos, enquanto policiais montam barricadas. Os cidadãos também tomam parte na resistência — preparam coquetéis Molotov, capturam sabotadores e ajudam uns aos outros. A invasão russa seria sangrenta e letal apenas para os invasores", avisou. Durante a entrevista, ela disse que as sirenes tornaram a soar. "Isso significa que estão tentando bombardear Kiev. Precisamos que o espaço aéreo seja fechado. Apenas essa medida pode conter os ataques aéreos", clamou.

O avanço das tropas russas preocupa a comunidade internacional por ocorrer na véspera de uma reunião entre os chanceleres Serguei Lavrov (Rússia) e Dmytro Kuleba (Ucrânia). Militares ucranianos afirmaram à AFP que os combates se concentram em Rusaniv, 30km a leste de Brovary. Segundo Liubomyra, a situação humanitária em Kiev ainda é considerada boa. No entanto, ela contou que moradores de áreas suburbanas invadidas pelos russos enfrentam dificuldades.

> **Eu não tenho medo. Se tiver que lutar, eu o farei. Sei como atirar e lançar coquetéis Molotov",**
>
> ***desabafou,*** *por meio do WhatsApp, Mila Khiazka-Khanova, 38 anos, também jornalista em Kiev*

Gerente de programa do site Slidstvo.Info, Oleksandr Voloshyn, 27 anos, garantiu que a ameaça de invasão russa remonta a 2014, depois da revolução. "Tenho vivido com ela o tempo todo. A 'inevitável invasão' de Kiev começou. Não irei a lugar nenhum. Esta é minha terra-mãe. Enquanto converso com você, aviões de guerra sobrevoam minha casa. Acredito que sejam caças ucranianos, que tentam defender Kiev. Assim como nós, eles fazem o possível para contra-atacar", disse à reportagem o também morador de Kiev.

"Eu não tenho medo. Se tiver que lutar, eu o farei. Sei como atirar e lançar coquetéis Molotov", desabafou, por meio do WhatsApp, Mila Khiazka-Khanova, 38 anos, também jornalista em Kiev. Ela concorda que a guerra com a Rússia começou oito anos atrás. "Pelas duas últimas semanas, os invasores têm estado perto de Kiev. Mas eu também decidi permanecer na cidade, onde minha família está. Aqui posso ser útil. Confio nas forças militares da Ucrânia e na defesa territorial. Se invadirem Kiev, estaremos prontos para encontrá-los e combatê-los."

Apesar de depositar esperança nas negociações, Mila lembrou que os russos têm violado os acordos de paz de forma sistemática. "O único caminho para a paz, na minha opinião, passa pela imposição de uma zona de exclusão aérea. Os russos, então, perderão a oportunidade de bombardear nossos hospitais e nossas casas", afirmou.

Aris Messinis/AFP

Militar ucraniano mantém guarda próximo às posições russas nos arredores da cidade de Brovary, a leste de Kiev

DEPOIMENTO

"A intenção foi levantar o espírito do meu povo"

» HERMAN MAKARENKO

"O simbolismo de nosso Concerto da Paz foi apoiar o apelo do presidente Volodymyr Zelensky ao mundo para que detenha a guerra. A música fortemente afeta a saúde mental. Eu a chamaria de uma 'poderosa arma psicotrópica'. Ela pode erguer uma pessoa ao céu ou destrui-la. Ao reger o concerto na Praça de Maidan, minha intenção foi a de levantar o espírito do povo ucraniano. Nós apresentamos seis músicas, cada uma com um simbolismo próprio: o Hino Nacional da Ucrânia, que une todos nós; o balé *Lileya*, depois de um fragmento de *Taras Shevchenko*, dedicado ao aniversário do grande poeta homônimo ucraniano, que foi celebrado hoje (ontem); *Kozachok*, da ópera *Zaporozhets além do Danúbio*, uma obra quetrata do caráter de afirmação da vida do povo ucraniano; a canção folclórica *Nich Yaka Myrychna*, que aborda a beleza das melodias tradicionais do país; *Ode to Joy*, de Beethoven, um hino da Europa — porque a Ucrânia é e sempre será europeia; e a abertura da ópera *Taras Bulba*, símbolo da invencibilidade do espírito cossaco dos ucranianos.

Eu decidi ficar em Kiev, porque esta é minha terra natal, a qual amo muito. Isso me dá a força para encarar os meus medos. O concerto que fizemos hoje deixa uma mensagem para o mundo: o maior tesouro da humanidade é a paz. As pessoas devem salvá-la!"

Arquivo pessoal

Maestro da Orquestra Clássica de Kiev, fundada em 2014 na sede da Unesco. Ele tem 60 anos e é regente da Casa Nacional da Ópera na capital ucraniana

"Z", em apoio ao Kremlin

AFP

Desde o início da invasão à Ucrânia, a letra "Z", estampada em veículos militares das forças comandadas por Vladimir Putin, tornou-se um símbolo muito presente em espaços públicos da Rússia: de fachadas de prédios a carros. Está até desenhada em unhas, com esmalte. O "Z" aparece na Ucrânia com o objetivo de diferenciar as unidades militares de Moscou das tropas de Kiev, que usam equipamentos muito semelhantes. Esse sinal para evitar o fogo amigo se transformou em uma marca disseminada também nos perfis das redes sociais. Algo que as autoridades parecem incentivar. Em seus perfis, o Ministério da Defesa russo apresenta a letra, inexistente no alfabeto cirílico, em mensagens: **Za Pobedu** (Pela vitória), **Za Mir** (Pela paz), **Za pravdu** (Pela verdade), **Za Rossiyu** (Para a Rússia).

Uma nova chance para o pequeno Leonid

Com apenas 5 anos, Leonid Shapoval é um guerreiro. Quem vê o menino ucraniano sorridente no colo da mãe, Yana, não supõe o que ele e a família passaram nos últimos oito meses, desde o diagnóstico de leucemia da criança. Debilitado, o pequeno receberia esta semana um transplante de medula óssea. Porém, devido à invasão russa, fugiu com os pais de Cherkasy, na Ucrânia, para Irlanda, onde agora espera ser tratado graças à generosidade da população local.

Com a mãe e o pai, Serhiy, o menino deixou o hospital de Cherkasy, onde estava internado, levando poucas roupas e os documentos médicos de Leonid. "O mais importante que tínhamos", disse Yana, 31 anos, à agência de notícias France Presse. Não fosse pela guerra, o garoto estaria, neste momento, recuperando-se da cirurgia em um hospital de Kiev.

O destino da família, porém, foi outro. Os três estão na casa de parentes, no sudeste da Irlanda, ponto final de uma fuga conturbada. Serhiy dirigiu até a Polônia, tomando caminhos de terra para evitar as zonas de combate, e seu carro foi sacudido, às vezes, pelas explosões próximas, antes de chegar, finalmente, à fronteira.

AFP

O menino sorri no colo da mãe, Yana, na Irlanda: esperança

Devido ao estado de saúde do filho, atravessaram para o território polonês escoltados, evitando uns 20km de filas. Cinco dias depois chegaram a Dublin via Zurique, onde tiveram que convencer as autoridades suíças de que o governo irlandês os havia permitido entrar sem os requisitos habituais de visto.

A chegada ao aeroporto da capital irlandesa, foi um momento de "alívio tingido por amargura", descreveu Yana. "Senti que aqui estaríamos a salvo e que nos ajudariam, que se faria todo o possível para cuidar de Leonid", disse a psicóloga. Ainda durante a fuga, ela e Serhiy conversaram com o deputado irlandês Michael Collins, que foi alertado de sua situação pela tia-avó da criança, Victoria Walden, e seu marido, David, com quem os Shapoval vivem agora.

O deputado está ajudando a família nos esforços para tratar o menino na Irlanda com o apoio da população local que se comoveu com a situação do garoto. "Todo mundo quer fazer algo e é muito amável e, francamente, tipicamente irlandês", comenta Michael Collins. Uma arrecadação de fundos on-line reuniu mais de 65 mil euros (R$ 360 mil), superando bastante o objetivo inicial de mil euros (R$ 5,5 mil).

Leonid recebe atendimento no hospital infantil de Dublin, onde a família espera que possa, finalmente, ser submetido a um transplante de medula óssea. A mãe agradece. E o menino também: "Obrigado às pessoas que nos ajudam".

Copyright © Clipclap 2025.

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Mensagem de SOLIDARIEDADE

Estudantes do DF participam de projeto de acolhimento a crianças e adolescentes refugiados devido à guerra entre Ucrânia e Rússia. Alunos do CED 7 de Taguatinga enviarão um vídeo produzido por eles, hoje, aos jovens ucranianos vítimas do conflito

Amanda, Matheus e Letícia juntaram as bandeiras do Brasil e da Ucrânia no cartaz em que se lê, em inglês, "nós queremos a paz e nós estamos juntos"

» EDIS HENRIQUE PERES

Em meio à guerra, mais de 350 jovens refugiados entre a fronteira da Ucrânia com a Polônia receberão, por meio de um vídeo, um pequeno gesto de carinho e conforto dos brasileiros. A iniciativa é feita pelos estudantes do ensino médio do Centro Educacional (CED) 7 de Taguatinga, que elaboram a produção audiovisual de solidariedade. O projeto surgiu a pedido da pesquisadora francesa e especialista em violência e juventude Joëlle Bordet, que trabalha com a Rede Internacional de Pesquisa -Intervenção: Jovens, Desigualdade Sociais e Periferia. Ela detalha que mantém contato diário com as crianças e os adolescentes refugiados e percebeu "o profundo medo e solidão que eles estão sentindo".

Os alunos do CED 7, durante a manhã de ontem, ouviram os relatos e a explicação da pesquisadora francesa, traduzida para o português pela professora de psicologia da Universidade de Brasília (UnB) Fátima Sudbrack, representante da Rede Internacional em Brasília. Após o momento de reflexão, os estudantes começaram a produção dos cartazes, que serão finalizados hoje, para a gravação do vídeo que será enviado aos refugiados. Letícia Vitória Ferreira, 17 anos, contribui com a iniciativa. "É muito importante participar, porque estava acompanhando a guerra desde o começo e me preocupei muito com a juventude e, principalmente, com as crianças que estão sozinhas", revela.

Letícia conta que os cartazes são uma forma de dizer que as vítimas do conflito não estão sozinhas. "É a única coisa que podemos fazer, mostrar que isso (a guerra) vai chegar a um fim. Se pudéssemos, gostaríamos de fazer muito mais", garante a jovem. O objetivo de Joëlle era causar essa reflexão aos estudantes, pois, de acordo com ela, o confronto entre Rússia e Ucrânia é um conflito "fraticida". "Ela mata irmãos, mata famílias. Por isso, o movimento pela paz é tão importante, e, por isso, a dor causada é tão grande", avalia Joëlle.

A pesquisadora francesa salienta que, até o momento, o local em que estão os jovens não recebeu bombardeios. "Mas a gente teme que, de uma hora para outra, eles podem estar envolvidos fortemente na guerra. Para mim, a vida se tornou muito difícil desde que começou o conflito, porque trabalho com pesquisadores da Ucrânia e da Rússia. Essa guerra também é uma guerra de informação, porque os ucranianos, com aparelhos militares, não podem resistir à Rússia, enquanto a população russa não tem acesso à informação completa, porque, lá, tem outro tipo de divulgação na mídia", descreve Joëlle.

A pesquisadora Joelle Bordet acompanha jovens refugiados

Representante do projeto em Brasília, Fátima destaca que essa é uma ação de acolhimento. "Na terça-feira, recebemos esse pedido dos profissionais da Rede para que algo fosse enviado, porque os jovens estão muito tristes. Todos os países da nossa Rede vão fazer o mesmo trabalho. E vamos trabalhar em cima da frase: 'nós queremos a paz para você e todos os jovens, estamos, de coração, com você!'", detalha.

Conscientização

Supervisora pedagógica do CED 7, Viviane Calasans afirma que a escola recebeu com alegria o convite. "No Brasil, temos a luta contra a pobreza e a vulnerabilidade. E, neste momento de tamanha dor, os jovens mostrarem solidariedade é uma forma de acalento. O brasileiro é um povo que abraça. E essa atividade vai muito além de um exercício pedagógico, é uma formação cidadã", defende a servidora.

Outro estudante que participa do projeto é Matheus Melo, 17. "No começo, foi desafiador, porque queríamos fazer algo diferente. Por isso, escolhemos fazer uma frase em inglês, falando que estávamos junto com eles. Este é um momento muito delicado, e não posso nem imaginar como é estar nessa situação. Acho que faz toda diferença receber essa palavra de conforto e sentir que há esperança", opina.

Para Dafinny Abelly, 15, a ação tem um significado de união entre os povos. "Cada integrante deu uma sugestão de como produzir o cartaz, e decidimos fazer dois corações, um no Brasil e outro na Ucrânia. Não sei como seria para mim, por exemplo, estar no lugar deles", confessa a adolescente.

Outro grupo optou por escrever uma frase em ucraniano para demonstrar solidariedade. "É uma forma de enviarmos uma mensagem boa para os jovens, tanto da Rússia quanto da Ucrânia", finaliza o estudante Kauã Ferreira, 16.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Pagina:** 8,9 e 17

Copyright © Clipclap 2025.